

Brasília chega aos 30 anos mas já parece uma velha

Ricardo Miranda Filho

BRASÍLIA — Uma cidade à beira de um ataque de nervos. A capital federal completa hoje seus 30 anos vítima de um evidente envelhecimento precoce. Projetada para comportar 500 mil pessoas reunidas numa comunidade pacata, Brasília já alcança quase 2 milhões de habitantes (incluídas aí as cidades-satélites) e transborda seus excessos para dezenas de favelas e assentamentos onde moram 120 mil pessoas, além de ter 680 mil moradores de fundos de quintal e cortiços.

As perspectivas não podem ser otimistas, porque pelo menos 100 famílias continuam chegando diariamente à cidade. As neuroses aumentam, aumenta o número de suicídios: só em março oito pessoas se mataram, o dobro da média mansal dos anos 80. Nos últimos oito anos, foram ao todo 411 suicídios.

No dia 8 de abril de 1960, poucos dias antes da inauguração de Brasília, desembarcou na cidade a professora Mariana Alvim, a primeira psicóloga da nova capital. Encarregada de realizar testes de personalidade nos professores de 1º e 2º graus selecionados para a cidade, Mariana lembra que na cidade ainda escassamente povoada era possível estender fora de casa roupas para secar sem o risco de as ter roubadas.

— O sonho acabou. Brasília envelheceu, no mau sentido da palavra — diagnostica Mariana, 81 anos. Hoje Brasília tem cerca de 2 mil psicólogos, mais que Goiás, ou que o Amazonas, o Pará, Mato Grosso, o Maranhão, o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte e Sergipe.

Violência — Desde a inauguração, Brasília teve um aumento de 189% em sua população. Paralelamente, têm aumentado as mortes violentas na cidade, com uma média atual de um assassinato a cada 32 horas. Só nos dois primeiros meses deste ano ocorreram 44 homicídios (além de 49 tentativas) e 34 estupros (mais 10 tentativas). Foram 260 homicídios no ano passado contra 241 em 1987.

Surgiram na cidade as primeiras gangues de rua, responsáveis, por exemplo, pelas mortes do estudante Rodrigues Corte da Silva, 16 anos, em

uma lanchonete em abril do ano passado, e de Dilsa Lopes, 15 anos, assassinada em novembro de 1988 na sala de aula numa briga de dois menores. A delinquência juvenil já representa 70% das ocorrências na cidade-satélite do Gama e os principais alvos são as 629 escolas do Distrito Federal. Só no ano passado cerca de 2.600 menores foram encaminhados ao Juizado de Menores, uma média de sete casos por dia.

Dramas — Brasília completa três décadas liderando as estatísticas de consumo de drogas nas escolas entre as 10 principais capitais do país. Pelo menos um em cada quatro estudantes secundários da rede pública já experimentou algum tipo de droga, principalmente solventes, calmantes e maconha. Há um ano o lavador de carros Nilson Roque Santana, de 10 anos, foi encontrado morto na Ceilândia, a mais pobre das cidades-satélites, depois de uma dose excessiva de xarope.

Entre as favelas e assentamentos, uma das situações mais dramáticas da cidade ocorre a poucos quilômetros da Casa da Dinda, do presidente Fernando Collor, no setor de mansões do Lago Norte. A maior invasão (favela) da cidade, batizada de Vila Paranoá, abriga, segundo o Sindicato dos Arquitetos do Distrito Federal, cerca de 2,6 habitantes por metro quadrado (em Copacabana, maior índice de densidade populacional da América Latina, com 6,4 habitantes por metro quadrado, as construções são verticalizadas).

Água — O excesso de consumo e o desperdício de água nos palácios, repartições públicas e mansões de Brasília também tem ameaçado a cidade nos últimos anos com o risco do racionamento, que até o momento só atingiu as cidades-satélite de Planaltina, Sobradinho e Brasilândia. Só o Lago Sul, área nobre da cidade, consome diariamente 2,3 mil litros por habitante, fazendo da capital a maior consumidora *per capita* de água do país. Até o ano passado, o Palácio do Planalto consumia mensalmente 18 milhões de litros d'água, mais que as cotas dos maiores *shoppinge-centers* da cidade. O recordista da Esplanada dos Ministérios tem sido o Itamarati, com um consumo mensal de 36 milhões de litros. O espelho d'água do Senado consome mensalmente 12 milhões de litros d'água.